

José Augusto Cardoso Bernardes. Coord. Carlos Reis. *Gil Vicente*. Col. Cânone, 2. Lisboa: Edições 70, 2008. pp. 238. ISBN 978-972-44-1517-8

Reviewed by Helena Filipa Lourenço
Universidade Nova de Lisboa



A recente publicação de José Augusto Cardoso Bernardes apresenta uma leitura actual, séria, bem fundamentada e documentada do grande dramaturgo ibérico, Gil Vicente.

Para além da leitura viva deste cânone das literaturas ibéricas, a obra inclui testemunhos inéditos compilados pelo autor junto de “leitores especialmente qualificados dos textos de Gil Vicente: editores, tradutores, encenadores, actores e professores” (127), nomeadamente José Camões, Sarka Grauová, Anne-Marie Quint, José Russo e Maria Ema Tarracha Ferreira.

Do ponto de vista da organização textual, a obra oferece uma longa apresentação de Gil Vicente, que inclui considerações desde a figura humana (a discutível identidade, a cultura e a construção da figura), passando pelas matrizes literárias e temáticas, pela diversidade linguística, finalizando na actualidade de Gil Vicente.

Dá também lugar a um capítulo (3) dedicado a recolhas textuais efectuadas no conjunto da produção literária de Gil Vicente (“lugares selectos”), onde podemos encontrar aforismos, textos de doutrina estética e literária. Posteriormente, encontram-se os já mencionados testemunhos, uma selecção de textos críticos sobre o autor e a obra, um pequeno dicionário e uma bibliografia recente.

José Augusto Cardoso Bernardes menciona a ambiguidade da identidade de Gil Vicente na época a que está circunscrito, demonstrando como apenas com o Romantismo, através da valorização da cultura popular e dos valores nacionalistas, surge a necessidade de reinventar a figura do dramaturgo, isto é, de se construir a sua compleição.

Um outro ponto a salientar é a discutível tese do poeta / ourives, posteriormente corroborada no discurso crítico nas palavras de António José Saraiva. Segundo José Augusto Cardoso Bernardes,

à luz dos pressupostos nacionalistas, faz ainda sentido pensar que através dessa tese se tenha pretendido, de alguma maneira, fazer participar Gil Vicente das ‘grandezas’ do nosso Quinhentismo, dando-o como testemunha especialmente habilitada desse período e conferindo-lhe, ao mesmo tempo, a glória simbólica de ter manuseado o primeiro ouro proveniente do Império. (23)

As inúmeras transformações sociais, o início da aventura marítima e o aparecimento da burguesia dão indícios de que uma nova atitude começava a espreitar a ambição do homem e duas novas formas de encarar o mundo, vindas de Itália, davam os primeiros passos em território peninsular: o Renascimento e o Humanismo.

Vicente ilustra, pois, nas suas peças a passagem da Idade Média literária para a época renascentista. Se, anterior à sua vasta produção teatral, o teatro se resumia a representações litúrgicas e a curtas representações burlescas, a partir das suas peças escreveu-se uma nova página no teatro nacional e ibérico.

Neste contexto, surge ainda a condição de “artista da corte” que a crítica literária tem vindo a atribuir ao dramaturgo. Com efeito, Gil Vicente sabia que o seu teatro era bastante apreciado pela nobreza e era, não raras vezes, motivo de festa. Seguindo o pensamento de Bernardes,

isso significa essencialmente que o escritor desenvolveu a sua arte tendo em vista o público cortesão, vivendo nos palácios, acompanhando o Rei nas suas deslocações, procurando corresponder aos seus gostos e expectativas, sinalizando os principais acontecimentos que pautavam a vida cortesanesca, recobrando as festividades do calendário ou as celebrações que envolviam a família real. (24)

Acerca das fases e evolução da obra considera o autor que “Mais do que um esquema linearmente evolutivo (que nos habituámos a detetar em outros escritores), o que existe em Gil Vicente é uma sobreposição de tendências que não se anulam” (30).

Destas tendências devem ser assinaladas as alusões ao teatro espanhol, aos temas religiosos e profanos, à riqueza da cultura popular enquanto reflexo de costumes e hábitos da vida rústica, bem como aos diferentes géneros cultivados e bilinguismo do dramaturgo.

Nos séculos XV e XVI, verificou-se em Portugal um uso quase generalizado da língua espanhola pelos poetas portugueses, nomeadamente por Luís de Camões, Pêro Andrade de Caminha, André Falcão de Resende, Garcia de Resende, entre outros, o que proporcionava um imenso bilinguismo cultural, que pode ser explicado pelas alianças matrimoniais entre os países peninsulares.

Acerca da actualidade, da obra três são os argumentos que o autor aponta:

Os dilemas que se colocam a Gil Vicente e ao artista de qualquer época no que toca à Ordem e à sua Transformação; o compromisso do artista com o Poder e a margem de liberdade que lhe sobra; a realidade portuguesa vista por Gil Vicente, em termos de circunstância e em termos de estrutura. (75)

Deste modo, é inegável o legado literário que o dramaturgo deixou, a visão arguta da realidade sociocultural portuguesa e da acuidade para com o retrato da sociedade.

Embora tenha vivido na gloriosa sociedade de quinhentos e no esplendor da recepção às novas formas literárias, não esqueceu o popular e o tradicional medievais. Perpassam no seu teatro, por exemplo, o apreço pela natureza, que serve de confidente aos amores, desamores, alegrias e tristezas de variadíssimas personagens, a predilecção pelo lirismo trovadoresco peninsular.

Dividida entre duas eras (a medieval e a renascentista), a obra de Gil Vicente permanece viva e actual nos alvares do século XXI. Citando Carlos Reis, coordenador da presente edição, “o que neste trabalho se reafirma são as razões dessa pervivência, bem como a necessidade de continuarmos a ler e a representar Gil Vicente, na escola e fora dela.” (11)